Lula admite a luta armada para garantir o poder

ALEXANDRE POLESI
Da Reportagem Local

A LUTA ARMADA VERSÃO 80
MAPAS DO ALTO DO ARACUAIA, DA REGIÃO DO GRANDE ABC E DA PRAÇA DA SÉ
MINHOCAS PRA NÃO DIZER OUTRA COISA NA CHEIA
METRALHADORA GIRATÓRIA COM MIL TIROS POR SEGUNDO DA ESTRELA, BRINQUEDOS DE QUALIDADE.
CAMISETA DO GRUPO PUNK "A LUTA CONTINUA"
VALISE CONTENDO UM MINI COMPUTADOR, UMA FITA COM ENTREVISTA GRAVADA DE FIDEL CASTRO, UM MANUAL DO ESCOTEIRO MIKIM E RESTOS DE PANETONE QUE SOBROU DO NATAL.
CALÇA E TÊNIS DAS LOJINHAS TRANSADAS DOS SHOPPING CENTERS
RELÓGIO DIGITAL
A LUTA continua
UM HAVANA SAINDO DO MEIO DE UMA PROMISSORA BARBA.
ÓCULOS ESCUROS PARA MELHOR CRUSCAR A VISÃO DA REALIDADE
CARTÃO JUNIOR E CALENDÁRIO DE 68.
UMA REVISTA DE MULHER NUA. AFINAL, NINGUÉM É DE FERRO.
PÓ DE GUARANÁ
TV PORTÁTIL PARA MESMO NA BATALHA, NÃO PERDER UM SÓ CAPÍTULO DE RÔ QUE SANTEIRO
LIVROS O QUE É ISSO COMPANHEIRO? A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER E "O COMPLEXO DE PETER PAN".
DO MANUAL DE GUERRILHA ANGELI

Lula não concorda com a expressão "ditadura do proletariado" e, num regime socialista, diz que a liberdade individual "tem que estar subordinada à liberdade coletiva". Ao reafirmar o caráter socialista de seu partido, Lula disse, entretanto, que, ao chegar ao poder, o PT não deverá estatizar toda a economia. Para ele, bares, táxis, pequenas e médias empresas das cidades e pequenas propriedades rurais devem ficar em mãos particulares. Seu regime ideal é um socialismo "que não cerceie a liberdade de intuição e até o desejo do cidadão de progredir na vida".

Lula concedeu esta entrevista na tarde do último dia 18, na sede nacional do PT (na rua Onze de Junho 260, Vila Clementino, zona sul de São Paulo). Segundo ele, todas essas questões deverão ser amplamente discutidas em 1986 pelo PT, como desdobramento de seu expressivo crescimento eleitoral nas eleições para as Prefeituras das capitais. Lula falou à **Folha** depois que participou da festa do "camarada clandestino" —a versão petista da festa de amigo secreto— que reuniu os cerca de vinte dirigentes e funcionários que trabalham na sede do partido. Descontraído na festa, Lula fez um rápido "discurso de fim de ano" aos funcionários, contou casos, tomou alguns goles de conhaque e ganhou uma carteira de presente.

Folha — Cada vez mais o PT se define como um partido socialista. Que tipo de socialismo o PT defende?

Lula — Para mim seria muito difícil definir o tipo de socialismo do PT. Acho que o socialismo perfeito para o PT será aquele feito pelos companheiros do próprio PT. Da minha parte, acho que temos que ter duas preocupações fundamentais. A primeira é de entendermos que é humanamente impossível você ter um sistema socialista sem que você detenha os controles da produção, a nível da classe trabalhadora. Esta é a primeira coisa concreta do sistema socialista. A segunda é você ter um sistema socialista e ao mesmo tempo você manter um sistema democrático no país. E o que é isso? É você permitir que hajam os contrários, é aprender a conviver com aqueles que são contra, que não concordam, com aqueles que querem falar e ser oposição. Se a gente conseguir fazer um sistema socialista onde a sociedade, a classe trabalhadora detenha os meios de produção, seja no campo ou na cidade, mas ao mesmo tempo você permita que as pessoas tenham direito à liberdade de expressão, a liberdade de ser contrárias ao governo que está no poder, acho que você consegue avançar um pouco na questão do socialismo.

Folha — Poderia definir melhor esta questão?

Lula — Há algumas particularidades que, eu acredito, somente um profundo debate vai resolver. Quando a gente fala em deter os meios de produção sob o controle dos trabalhadores, é preciso saber o que se vai estatizar. Estatizar pequena empresa, bares, restaurantes, táxis, padarias, o pequeno comércio? Tudo isso acho que são particularidades, e acho que é preciso que haja discussão profunda entre as pessoas para se poder acertar se é conveniente ou não isso acontecer.

Folha — O socialismo que o PT vislumbra não exige necessariamente que todos os setores da economia sejam estatizados?

Lula — Pois é... Acho que isso não é o que o PT vislumbra, porque, como disse, o socialismo que o PT vislumbra será o resultado de uma ampla discussão dentro do PT. Estou mais dizendo o que eu vislumbro, o que o Lula pensa pessoalmente. Eu tenho dúvidas. Quero me esclarecer no debate. E como eu necessito de esclarecimento, acho que o conjunto da sociedade necessita deste esclarecimento tanto ou até mais do que eu. Será que é possível você ter uma sociedade socialista no século vinte na década de oitenta, ou no ano 2000, com tudo estatizado? A pequena e média empresa, o pequeno e médio comércio, a pequena propriedade rural, os serviços de taxis? Eu sinceramente não tenho clareza da perfeição disso. Por outro lado, tenho consciência de que isso não é uma coisa teórica, mas prática, e de que só será possível a gente saber se vai dar certo ou não na prática. Eu, por exemplo, fui a Cuba e lá todos os bares são estatizados, bem como os táxis. Eu acho que é muita responsabilidade para o Estado. Acho que o Estado não tem que estar preocupado com isto. Agora, também não quero ser o dono da verdade, quero é colocar as minhas idéias para debate, para que a sociedade e principalmente a classe trabalhadora possam definir o que ela quer.

Folha — Isto significa que você tem dúvidas se o socialismo pode excluir formas de economia de mercado, ou formas econômicas capitalistas, não?

Lula — Acho que a grande questão do socialismo é você ter uma sociedade onde todos produzam em benefício de todos, mas ao mesmo tempo não limite a capacidade de criatividade do ser humano. Onde você não cerceie a liberdade da intuição, até o desejo do cidadão de progredir na vida. Eu tenho uma preocupação —e isso pode não ser verdade— de que o socialismo não se resume apenas a educação, saúde e trabalho. Acho que isso é muito pouco. Se você pegar um contingente muito grande de trabalhadores e colocar numa fábrica ou numa fazenda e eles receberem o ano inteiro o mesmo salário e não houver um estímulo tenho medo de que eles comecem a se revoltar contra isso. A coisa mais difícil de você atender aos desejos individuais sem que isso prejudique os interesses coletivos é uma questão sobre a qual tenho dúvidas. Precisamos promover esta discussão dentro do PT, sem nenhuma paixão, sem nenhuma preocupação de quem vai ganhar ou perder. A preocupação básica e termos a certeza de que as discussões vão resultar num entendimento do povo sobre a possibilidade de criar um novo modelo.

Folha — Esse novo modelo só será atingido pela via eleitoral?

Lula — Eu tenho menos expectativas sobre a via eleitoral.

Folha — Menos?

Lula — Menos. Acho que a via eleitoral, por si só, não permitirá que o modelo seja implantado, transformando o regime de um sistema capitalista para um sistema socialista. É muito difícil. Acho que através das eleições você pode aperfeiçoar e criar condições para que esse modelo possa ir sendo implantado neste país. Mas sempre haverá restrições do poder econômico, da classe dominante, daqueles que não acreditam no socialismo como alternativa. Acho que nós, do Partido dos Trabalhadores, e outros segmentos da sociedade temos que ter clareza de que nos precisamos fazer todo e qualquer sacrifício para conseguirmos esse novo sistema de uma forma tranquila e pacífica. Agora, precisamos estar preparados para reagir às imposições dos que pensam de outra forma.

Folha — Mas se o PT não consegue impor este novo modelo pela via eleitoral, ele só pode conseguir isso pela via da revolução...

Lula — Veja, a revolução não é determinada por quem defende o socialismo, ela às vezes é determinada por quem detende o capitalismo. Será que o poder econômico e as classes dominantes vão permitir que o PT ganhe, através das eleições, o governo do Estado de São Paulo?

Folha — Acredito que isso depende muito do grau de fortalecimento da democracia...

Lula — Pois é! Eu tenho dúvida disso. É exatamente por ter dúvidas disso é que acho que precisamos estar preparados para não permitir em nenhum momento, que haja retrocesso através da força. Eu admito que haja um retrocesso através da força, eu acredito até que alguém da direita possa ganhar as eleições através do voto direto, como aconteceu com Jânio Quadros aqui em São Paulo. Mas não posso admitir que a direita queira se manter no poder através do uso das armas. Aí eu sou amplamente favorável a que haja uma resistência da população.

Folha — Igualmente armada?

Lula — Igualmente armada. Veja, isso não é nenhuma novidade. A Constituição americana, em mil setecentos e pouco, previa que, na medida em que houvesse necessidade da autodefesa de garantir a vontade da maioria do povo, se admitia a luta armada.

Folha — Então você não acredita que a "classe dominante" brasileira, pela via do voto, vá permitir que o PT assuma o poder?

Lula — Eu não acredito. Embora eu vá usar de todas as artimanhas possíveis, todos os pretextos possíveis para tentar chegar ao poder pela via do voto. Se nós não chegarmos, não é porque nós não tentamos, é porque eles não quiseram.

Folha — Mas o PT até agora não disputou uma eleição para presidente.

Lula — Perfeito. Você pode disputar e perder. Mas eu tenho que estar preparado —e este é o objetivo— preparar a opinião pública para o momento em que a gente disputar para ganhar, ganhar, e eles não deixarem a gente levar. Aí e que eu acho que a responsabilidade não é da esquerda, mas sim da direita.

Folha — Neste momento o PT se reserva o direito de reagir por meios que não os meios eleitorais?

Lula — O PT se reserva o direito de reagir com as mesmas armas que a direita vier a apresentar. Isso está patenteado hoje na luta de classe. Os trabalhadores, em nenhum momento querem guerra. Querem terra para trabalhar. Quem utiliza a força das armas para expulsá-los são os grandes proprietários de terras. Quando eles reagem, eles estão certos. O que eles não podem é correr a vida inteira. Sou daqueles que não admitem a existência das classes sociais. Acho que nós poderíamos tranquilamente termos uma única classe no Brasil. Na medida em que existem as classes sociais, você está permitindo a existência de lutas como as que aconteceram em outros países.

Folha — Mas veja, no momento em que estamos saindo de um período de regime militar, você já coloca a questão nos seguintes termos: o PT não poderá atingir o poder pela via democrática porque esta via, em princípio, já estará fechada a ele. Você não está dando muito pouco crédito à construção da democracia no Brasil?

Lula — Acho que esta é muito mais uma questão da concepção do que é democracia ou não democracia. Eu aprendi que democracia é a grande maioria determinar as regras do jogo para o funcionamento de uma sociedade —e a grande maioria somos nós, a classe trabalhadora brasileira. Na medida em que esta grande maioria não consegue determinar isso, acho que ela está subjugada a um processo ou de repressão ou de ditadura ou a um processo de democracia formal, onde as leis que interessam às classes dominantes prevalecem sobre os interesses, a justeza e a legitimidade das lutas das classes dominadas. A democracia plena que todos nós sonhamos é uma democracia que permita determinar a política econômica, a política educacional, de transportes, agrícola etc. Eu não quero ser o dono da verdade, o senhor da razão —eu tenho uma verdade que será subordinada à verdade coletiva. Mas a classe dominante não irá deixar a gente chegar ao poder pela via do voto. Eles não vão estabelecer regras para me garantir chegar ao poder. Jamais a classe dominante, em algum momento da história da humanidade, se cansou do poder e disse: tudo bem, agora a classe trabalhadora pode governar o país. Ou nós tomamos consciência de que o poder tem que ser disputado palmo a palmo, de acordo com as regras do jogo que forem necessárias, ou nós iremos sempre para os palanques aplaudir a classe dominante.

Folha — Mas democracia não é disputar o poder dentro de certas regras mínimas, como as que existem nas chamadas "democracias formais" da Europa e dos Estados Unidos? Esta não é sua idéia de democracia?

Lula — Não. Eu quero saber o seguinte: quem é que vai aprovar as regras? Não basta, para eu ser democrata, aceitar as regras do jogo. É preciso eu discutir em igualdade de condições a elaboração destas regras do jogo.

Folha — Sim, mas a partir do momento em que as regras sejam estabelecidas...

Lula — Ah! Perfeito. Uma vez que sejam estabelecidas as regras do jogo onde a classe trabalhadora participe em igualdade de condições com outros segmentos da sociedade, acho que devemos aceitar os resultados. Por exemplo, em 1982, quando fui candidato a governador, eu aceitei o resultado, mas as regras eleitorais estavam erradas, porque os outros apareciam mais na televisão do que o Lula. Embora os meios de comunicação de massa sejam uma concessão do Estado, estão atendendo a interesses do poder econômico. Eles convidam quem eles bem entenderem, e o Lula não é conveniente convidar. Então aparecia o Montoro trinta vezes por mês na televisão, o Figueiredo quarenta vezes, o Delfim Netto oitenta vezes, o Sarney 150 vezes —e o Lula aparecia uma vez por ano! Qual é a igualdade?

Folha — E nas eleições deste ano, onde o PT teve um desempenho tão importante na televisão?

Lula — Ah!, mas foi também a democracia formal. Porque, na medida em que existem dois ou mais partidos disputando as eleições, os candidatos têm que ter direitos iguais na utilização dos meios de comunicação de massa, e nós não tivemos. O Suplicy teve três minutos, em média, enquanto o PMDB teve dez minutos.

Folha — Mas a divisão foi proporcional às bancadas parlamentares dos partidos.

Lula — Mas as bancadas não estavam em disputa.

Folha — Você acha correto um partido com menos de cinco anos e poucos parlamentares ter os mesmos direitos de acesso à televisão de um partido de vinte anos e com bancadas numerosas?

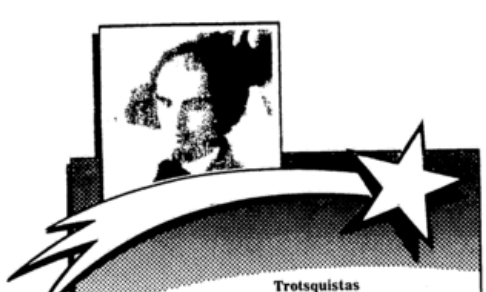
Lula — Acho mais do que direito

continua na página seguinte

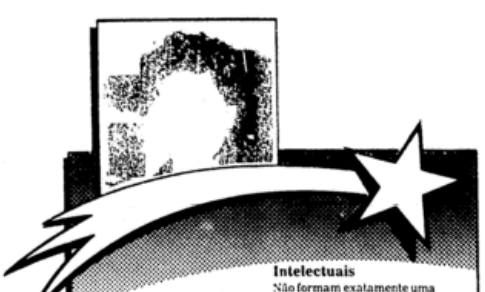
A CONSTELAÇÃO PETISTA

Sindicalistas
É a corrente de Lula, do deputado federal Djalma Bom, do sindicalista Jacó Bittar e outros. É o núcleo a partir do qual o PT foi fundado em 1979 e 1980, na esteira das greves de metalúrgicos do ABC. É o grupo mais forte e consolidado dentro do PT e o centro de gravidade do partido, graças à sua inserção nos movimentos sindicais e populares.

Cristãos
Sem o apoio das comunidades eclesiais de base e de padres e bispos progressistas o PT dificilmente alcançaria em pontos distantes do ABC paulista a penetração que tem hoje, especialmente no Nordeste. Em São Paulo, o PT tem no metalúrgico Waldemar Rossi um de seus símbolos (foi ele que abraçou o Papa João Paulo Segundo, no estádio do Morumbi, em 1980).



Trotsquistas



Intelectuais
Não formam exatamente uma